

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC  
CAMPUS DE BAURU

**FRAGMENTOS – A Luta de Uma Nação em Ruínas**

Flaviana de Freitas Oliveira

BAURU - SP

2011

FLAVIANA DE FREITAS OLIVEIRA

## **FRAGMENTOS – A Luta de Uma Nação em Ruínas**

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pela discente Flaviana de Freitas Oliveira, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

BAURU - SP

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC  
CAMPUS DE BAURU

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pela discente Flaviana de Freitas Oliveira, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

**Banca Examinadora**

Membros:

Prof. Dr. Célio Losnak  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Roseane Andrelo

Presidência e Orientação:

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

## AGRADECIMENTOS

À minha família, que me deu forças para viajar e seguir com o meu projeto, mesmo com tantos gastos e preocupações. À minha mãe, minha principal companheira, conselheira e amiga. Sem ela, seria impossível trilhar um caminho de luz e sabedoria. Ao Luiz, que me deu o privilégio de escolhê-lo como pai e referência de luta. À Didi, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida. Ao meu avô, pela dedicação, amor e integridade. Sem estas pessoas, eu não seria quem eu sou hoje.

A todos os meus amigos que viveram comigo no El Punto. Paul, Edurne, Galego, Raquel, Sofi, Flor, Nahi, Mi, Deh, Rosana, Mari, Vini, Mu, Ivan, Martin, Vagner, Renan, Bruno, Regiane, Taíssa... é impossível citar o nome de todos, mas cada um foi fundamental na minha formação como uma pessoa melhor.

À Márcia, por ser a irmã que eu nunca tive. Pela alegria constante e compreensão nos piores momentos.

Aos amigos e companheiros de república, que me ajudaram com idéias para o livro e aguentaram meu mau-humor, minha empolgação, minha gastrite e todas minhas manias durante esta produção. Sakê, Gabi, Jacu, Mugris e Gueixa: sem eles, não conseguiria manter a serenidade e a alegria.

Ao Pedrinho, fonte de vida e inocência. Por seu sorriso contagiante e por suas falas inéditas nos momentos de estresse e tristeza. Com ele entendi como o primeiro passo ou a primeira palavra de uma criança são os principais momentos da vida.

Ao Neto e ao Mugris, pela capa e diagramação do livro, que deram vida ao meu texto e humanizaram ainda mais a história contada.

Às minhas amigas de muitos anos, Paula, Barbara e Livia. Por entender minha ausência e me dar força para fazer o melhor possível.

Aos professores e amigos da Universidad de Santiago, que me fizeram enxergar o Chile como meu próprio país. Agradecimentos especiais à Prof<sup>a</sup>. Iris, à Prof<sup>a</sup> Pámela (*in memoriam*), à Marisol e aos amigos Paulina, Rubén e Sebastián.

Ao Max, o melhor orientador que um estudante poderia ter. Pela sabedoria, amizade, compreensão e entusiasmo. Obrigada por me acalmar nas horas mais difíceis e por sempre motivar minha vontade e criatividade.

À Roseane e ao Losnak, por aceitarem fazer parte da banca com disposição e vontade.

Muitas pessoas ajudaram na elaboração deste livro, de diferentes formas. Minha gratidão não tem medidas, pois sem as entrevistas, os cafés, as explicações, os conselhos e a paciência dedicados a mim, não seria possível fazer um relato fiel e humanizado do terremoto ocorrido no Chile em 2010.

## SUMÁRIO

1 Proposta	6
2 Justificativa	7
3 Objetivos	8
3.1 Objetivo geral	8
3.2 Objetivos específicos	8
4 Referencial teórico	9
4.1 Gêneros jornalísticos	9
4.1.1 Reportagem	9
4.1.2 Entrevista	10
4.1.3 Memória e História Oral	11
4.2 Jornalismo e Literatura	13
4.3 O papel da notícia	14
4.4 Chile	15
4.4.1 Política do país	15
4.4.2 Terremotos	21
4.5 Fotografia	26
5 Metodologia	28
5.1 Método de pesquisa e análise	28
5.2 Entrevistas e relatos	28
5.3 Produção do livro	29
5.4 Escolha de fotos e diagramação	30
5.5 Dificuldades	31
6 Considerações finais	32
Referências bibliográficas	33

## **1 PROPOSTA**

O livro-reportagem “Fragmentos – A Luta de Uma Nação em Ruínas” visa mostrar para o leitor os bastidores do terremoto que ocorreu no Chile em fevereiro de 2010. Por meio de relatos das pessoas que viveram a catástrofe e das impressões da autora, a história propõe humanizar o desastre.

Para isso, são usados elementos do jornalismo literário, capaz de construir uma narrativa mais sensibilizada e que possa ter a opinião do jornalista. O uso das fotos é para dar mais veracidade ao relato que, embora literário, é feito de acordo com as bases do jornalismo.

## 2 JUSTIFICATIVA

Dentro dos padrões do jornalismo contemporâneo não há brecha para se aprofundar demasiadamente em um determinado assunto ou se pautar fora do agendamento. A notícia relata o fato, o aqui e o agora. A reportagem, embora mais aprofundada, não deixa de lado a premissa da objetividade, amputando a criatividade do jornalista.

Além disso, a conversão da notícia em produto e sua rápida degustação refletem num tratamento raso do assunto. Portanto o livro-reportagem se justifica aqui pela abordagem diferenciada que propõe. Segundo Edvaldo Pereira Lima, o produto escolhido apresenta um “grau de amplitude superior” aos demais costumeiros tratamentos dos meios de comunicação:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido maior de ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (1995, LIMA, Edvaldo Pereira, p. 29)

A opção por descrever o terremoto do Chile em um livro-reportagem foi devido à liberdade narrativa que o formato oferece. Além disso, foi a melhor forma de relatar minha inquietude em relação à catástrofe chilena. Inquietude esta que resultou na pesquisa e na construção narrativa da realidade.

(...) o livro reportagem agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo em seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. (1995, LIMA, Edvaldo Pereira, p. 33)



### **3 OBJETIVOS**

Os objetivos da pesquisa são mostrar de forma sensibilizada o terremoto ocorrido no Chile, além de falar mais sobre os hábitos do país. Para isso, foi misturado cultura, política e sociedade com o abalo que o terremoto causou à estrutura emocional e econômica do país.

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

A principal finalidade do trabalho é realizar um livro-reportagem, feito a partir de relatos e entrevistas. O livro é feito com a linguagem do jornalismo literário, que trabalha com a emoção e a subjetividade e pode aproximar mais a história aos leitores.

#### **3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Fazer um panorama geral da história, da política e da sociedade chilena;
- Construir um livro reportagem com linguagem literária e fatos jornalísticos;
- Mostrar como a mídia retrata as catástrofes naturais;
- Relatar a vivência do terremoto por meio do relato de alguns entrevistados;
- Mostrar para o leitor, de forma humanizada, a história das pessoas que sofreram perdas com o desastre.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

O livro-reportagem explora uma mescla de gêneros jornalísticos, tais como: reportagem, entrevista, memória e história oral. Portanto, as características, objetivos e especificidades de cada gênero citado serão explanados a seguir, por meio das teorias de pessoas que realizam pesquisas sobre o tema.

### 4.1 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

#### 4.1.1 Reportagem

Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a reportagem é caracterizada pela predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados. Logo, podemos notar que se diferencia da notícia. Apesar da objetividade, ela é mais densa e detalhada, passa a haver pessoas e não meros personagens, o texto é mais longo, muitas vezes fragmentado por subtítulos, e o assunto recebe maior aprofundamento.

Estudiosos concordam que esse gênero é o aprofundamento da notícia. Ela conta detalhadamente aquilo que já foi anunciado pela notícia. Enquanto a notícia, que se atenta para o aqui e o agora, a reportagem não se restringe ao presente. Ela busca as causas e efeitos através de elementos do passado e do futuro.

As linhas de *tempo* e *espaço* se enriquecem: enquanto a notícia fixa o *aqui*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um *sentido* desse aqui num circuito mais amplo, reconstitui o *já* no *antes* e no *depois*, deixa os limites do *acontecer* para um *estar acontecendo atemporal*, ou menos presente. (LIMA, 1995, p.24)

A reportagem se debruça sobre determinado assunto através de uma angulação pré-estabelecida. Não se prende ao *lead* do onde, quando,

como e por quê. Faz a contextualização, procura informar o leitor de forma menos superficial, buscando destrinchar os acontecimentos que levaram ao fato principal e, se possível, apresentar as várias versões de pessoas envolvidas de diferentes lados. Tornando-se quase impossível uma não interpretação, visto que a própria angulação já pode ser considerada interpretativa. Segundo Edvaldo, a reportagem sempre leva a investigação e interpretação:

(...) como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostrá-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor, naquela realidade que está sendo desvendada. Para cumprir tal tarefa, a narrativa tem de selecionar a perspectiva sob a qual será mostrado o que se pretende. Em outras palavras, deve optar na escolha dos olhos – e de quem – que servirão como extensores da visão do leitor. (LIMA, 1986, p.11)

#### **4.1.2 Entrevista**

Tecer uma realidade através do relato de entrevistados não é uma tarefa fácil. Muitas vezes a fonte pode contar só o que lhe convém, ou pode se sentir intimidado com o interrogatório do jornalista munido de seu gravador. Portanto, a arte de entrevistar deve ser desvendada com cautela. No presente trabalho buscamos aplicar a entrevista de compreensão, que despreza a especularização e tem o intuito de compreender:

“Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre o entrevistador e o entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. Em muitas ocasiões, surge o painel de multivozes e o repórter, o autor, é apenas um sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo com tal talento que parece natural tal arranjo, como se surgisse ali, espontaneamente, perfeito. Nessas ocasiões, o jornalista-escritor atinge uma situação máxima de excelência no domínio da entrevista: a de tecedor invisível da realidade, que salta, vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptivo do leitor.” (LIMA, 1995, p. 85)

A princípio este gênero tem como propósito obter informações através de entrevistas para dar credibilidade ao texto jornalístico. Para reconstituir uma história o repórter não pode se basear apenas no que viu,

mesmo porque muitas vezes ele sequer presencia o fato, chegando ao local após o ocorrido ou apenas obtendo informações de terceiros na redação. Faz-se necessária a apuração dos fatos, que envolve, entre outros elementos, a entrevista. Indivíduos envolvidos na ação – desde aquele que a pratica, sofre suas consequências, até o que apenas a presencia – tornam-se fontes.

No caso do livro-reportagem as entrevistas não são apenas depoimentos que acrescentam detalhes à notícia. Os depoimentos coletados são a base de tudo. Os chilenos são os personagens e fontes da história que queremos contar.

Para aprofundar nos níveis de intimidade dos entrevistados procurei deixar de lado as pautas prontas e fechadas. O interrogatório era a última coisa que queria, sendo o diálogo aberto meu objetivo final. A interação com o personagem é essencial para deixá-lo à vontade na conversa. Tal interação é explicitada por Cremilda Medina.

Desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. (...) Sua maior ou menor está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito e comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível. (MEDINA, 1995, p. 7)

#### **4.1.3 Memória e História Oral**

A história oral é uma história viva, do tempo presente. Muitos acontecimentos não possuem relatos escritos ou documentação, são transmitidos de geração a geração por meio da oralidade. A história contada pode ser sobre o passado e até remeter ao futuro, mas sua oralidade está sempre no presente, mantendo um compromisso de registro permanente que, de acordo com José Carlos Sebe Bom Meihy, “se projeta para o futuro sugerindo que outros possam a vir usá-la de diferentes maneiras”.

Através do resgate de riquezas psicológicas e sociais, a história oral reconta o acontecido sem perder sua essência. Trata-se de um relato de

reconstrução que vai além dos fatos crus, passando pela interpretação do narrador.

Pela reconstrução que faz o narrador, é ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que se insere a situação encaminhada. (MEIHY, 1996, p. 99)

Algumas das histórias pessoais se destacam por expressar situações comuns a um grupo, representando-o. Tais histórias adquirem um significado abrangente, passando do individual ao coletivo. É o caso dos chilenos aqui escutados, suas histórias representam a pluralidade da classe.

Além das histórias institucionais, casos há em que os indivíduos, isoladamente, colocam-se como narradores e suas histórias, assim, ganham significado tanto pela singularidade como pelo coletivo que representam. As histórias pessoais ganham alcance social na medida da inscrição de cada pessoa nos grupos mais amplos que a explicam. Com isso relativiza-se a relevância de uma história oral valorizada do indivíduo como se ele fosse uma abstração. (MEIHY, 1996, p. 11)

Isso não significa que uma história particular represente todo um resto. Cada um tem suas particularidades, salvo algumas semelhanças gerais. Meihy acrescenta que “história oral se preocupa com as versões individuais sobre cada fenômeno e que ela apenas se justifica em razão da soma de argumentos que caracterizam a experiência em conjunto.”

Enquanto a história se baseia em documentos grafados, a memória assimila um repertório de versões sobre o passado que ainda são transmitidas pela oralidade e não foram registradas.

Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem a fatos concretos, objetivos e materiais. As memórias podem ser individuais, sociais ou coletivas. (MEIHY, 1996, p. 94)

## 4.2 JORNALISMO E LITERATURA

O jornalismo e a literatura, a princípio, parecem água e óleo. Suas características e funções são distintas e, em muitos aspectos, opostas. Enquanto o primeiro se atenta ao factual, o real e a objetividade, o segundo brinca com a linguagem, fazendo da arte das palavras o seu fim.

Entretanto as duas modalidades se convergem na narrativa. Na literatura, temos o romance e o conto, no jornalismo, a notícia e a reportagem. Segundo Marcelo Bulhões Magalhães, o encontro dos gêneros está presente, hoje, na reportagem.

Na dilatação do evento noticioso, a reportagem pode estender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de uma personagem ou na colocação de um cenário. Ou desdobrar-se plenamente na narratividade, em que estão implicados personagens em processo de mudança de estado. É desse modo que ela ensaia alguma proximidade com realizações da prosa de ficção ou transporta marcas da própria literariedade. (BULHÕES, 2007, p.45)

Tal fato pode ser observado também no livro-reportagem, que conta uma história real factual mesclada ao literário. Sua temática é legítima, mas não necessariamente alvo da imprensa cotidiana. A atualidade não se faz extremamente necessária e quando o assunto é atual aprofunda-se, buscando elementos anteriores. Segundo Edvaldo Pereira Lima, “o livro-reportagem que não se limita ao rigorosamente atual, trabalhando temas um pouco mais distantes no tempo, de modo que possa, a partir daí, trazer explicações para as origens, no passado, das realidades contemporâneas”.

O autor pode ter presença marcante e as fontes são variadas. Para Edvaldo, a abordagem não precisa girar em torno do acontecimento, “pode vislumbrar um horizonte mais elevado, penetrando na situação ou nas questões mais duradouras que compõe um terreno das linhas de força que determinam os acontecimentos”.

O livro-reportagem não precisa se ater a simples informação, como no jornalismo. A liberdade é imensamente maior. Tanto na abordagem e profundidade quanto na forma de contar, que pode ser descontraída, em tempo

não linear e não objetiva. O autor procura, assim, cativar o leitor por meio de memórias, identificações e projeções.

Ao articular um livro-reportagem, o autor inicia um jogo implícito com seu leitor. O jogo consiste em captar o leitor, atraí-lo do seu mundo mental e emocional, cativá-lo para abstrair-se - no momento da leitura ou nos momentos dos diversos segmentos que constituem a leitura de uma obra escrita - desse mundo, em alguma medida, para um mergulho no universo particular contido, representativamente, no livro.” (LIMA, 1995, p. 110)

#### **4.30 PAPEL DA NOTÍCIA**

As notícias possuem diversos efeitos sobre o espectador, o leitor, o usuário e o ouvinte. Os meios de comunicação são, muitas vezes, responsáveis por moldar a forma de pensar da sociedade. A maneira como abordam determinado assunto ou como se comportam diante de um evento estrutura o pensamento político e social.

“Ao participarem na configuração do conhecimento sobre a política e ao modelarem uma determinada escala de valores que, por exemplo, podem levar à participação ou ao desinteresse dos cidadãos, os meios de comunicação actuariam como agentes de socialização política.” (SOUSA, 1999, p.140)

No entanto, muitas vezes a mídia se comporta de maneira inconsequente e acaba influenciando as pessoas sem, necessariamente, ter uma opinião formada ou um discurso válido. Com a necessidade do lucro e do imediatismo, o sensacionalismo se tornou uma das principais maneiras de atrair o público e, assim, vender a notícia.

Essa forma de fazer jornalismo pode ser considerada supérflua, pois é feita com base nos interesses mercadológicos. A notícia passa a ser uma espécie de show e não mais um verdadeiro panorama da realidade.

O mimetismo é aquela febre que se apodera repentinamente da mídia (confundindo todos os suportes), impelindo-a na mais absoluta urgência, a precipitar-se para cobrir um acontecimento sob pretexto de que os outros meios de comunicação – e principalmente a mídia de referência – lhe atribuam uma grande importância. Esta imitação delirante, levada ao extremo, provoca um efeito bola-de-neve e funciona como uma espécie de auto-intoxicação: quanto mais os meios de comunicação falam de um assunto, mais se persuadem, coletivamente, de que este assunto é indispensável (...). (RAMONET, 19xx)

## **4.4 CHILE**

### **4.4.1 POLÍTICA DO PAÍS**

O Chile já passou por muitos altos e baixos. O governo socialista de Salvador Allende, a ditadura de Pinochet, a crise econômica da década de 80 e a abertura comercial a outros países são alguns dos acontecimentos da história desse país, caracterizada pelo otimismo e resistência.

Após os conflitos da Segunda Guerra Mundial, o Chile teve um período de grande desenvolvimento econômico baseado na exportação de minérios e no desenvolvimento da indústria. Muitas empresas estrangeiras aproveitaram o momento de modernização chilena para lucrar com a exploração de suas riquezas, entre elas as dos Estados Unidos.

Em 1960, a política do país se tornara agitada com a consolidação de novos partidos, que discutiam projetos para resolver os problemas sociais responsáveis pelo sofrimento de grande parte da população. Os movimentos se dividiam entre os exaltadores de uma revolução baseada na experiência cubana e os defensores da transformação por meio de políticas democráticas e reformas políticas.

Nesse período, Eduardo Frei se tornou presidente do Chile com um frágil conjunto de reformas, sem alcançar os objetivos esperados. Comunistas e socialistas se mobilizaram em torno da Unidade Popular e, após décadas, setores de esquerda conseguiram escolher alguém comprometido com as lutas populares.



No dia 3 de novembro de 1970, Salvador Allende se elegeu presidente do Chile, representando a Unidade Popular. O objetivo de seu governo foi construir uma nova sociedade baseada no socialismo, experiência pouco usada no mundo até então. Entre suas primeiras medidas, se apresentavam o processo de reforma agrária e a estatização de empresas consideradas fundamentais para a economia chilena.

Começava o projeto de uma transição pacífica para a sociedade socialista, com respeito às normas constitucionais e sem o emprego de força. O governo queria nacionalizar a economia e elevar o nível de vida dos trabalhadores, pois Allende acreditava no poder das reformas graduais para fortalecer as massas operárias e destruir o predomínio da ideologia econômica e imperialista.

O Estado chileno chegou a controlar 60% da economia e, durante os três anos de permanência socialista no poder, gerou a oposição dos democrata-cristãos direitistas. Além disso, sofreu pesadas pressões políticas norte-americanas e de grupos criados no Chile pela CIA, como a organização terrorista Pátria y Libertad, de orientação nacionalista-neofacista.

Isso causou pânico na maioria da classe média chilena, que passou a sabotar sua economia e deixou-a paralisada. As sucessivas intervenções dos Estados Unidos na política interna chilena acabaram por aprofundar sensivelmente os problemas da sua já frágil economia. Em 1973, a inflação chegou a de 381,1%, os produtos básicos de consumo desapareceram das prateleiras, o desemprego cresceu assustadoramente e a produção e o valor da moeda caíram de forma vertiginosa.

No dia 11 de setembro de 1973, as Forças Armadas chilenas, a mando do general Augusto Pinochet e com o apoio de 30 mil Carabineiros, deram um dos mais violentos golpes militares da história latino-americana. A ação teve início na cidade portuária de Valparaíso, de onde partiram tropas navais chilenas com destino a Santiago, enquanto navios de guerra da marinha estadunidense estavam em alerta na Costa do Chile. Ao mesmo tempo, 33 caças e aviões de observação da força aérea norte-americana aterrissaram na fronteira com a Argentina.

Tanques fecharam as ruas próximas ao Palácio de La Moneda enquanto o presidente recebia, por telefone, a intimação para se render. Allende, pelo

rádio, pediu que os trabalhadores ocupassem as fábricas. Perto das 14h, as portas foram derrubadas e o Palácio tomado pelo exército. Depois de horas sitiado no Palácio La Moneda pelas tropas e pela aviação golpista, Allende percebeu a inutilidade de sua resistência e mandou evacuar o edifício. Em seguida, suicidou-se.

Duas versões, no entanto, existem sobre a morte do presidente: uma é que ele tenha se suicidado com a arma dada por Fidel Castro e outra que ele tenha sido assassinado pelas tropas invasoras.

A morte de Allende encerrou de forma trágica a experiência da implantação do socialismo pela via democrática-parlamentar em um país sul-americano. Teve início no Chile uma longa ditadura militar, que iria durar mais de 17 anos.

Após derrubar o governo democrático chileno, membros da Junta de Governo começaram um processo de estabelecimento do novo sistema. Os militares decretaram estado de guerra, onde qualquer pessoa poderia ser detida ou executada pelas tropas sem explicações.

O Decreto Lei nº 1, de 11 de setembro de 1973 empossou Augusto Pinochet como presidente da Junta de Governo, em sua qualidade de comandante em chefe do ramo mais antigo das Forças Armadas. No começo de 1974, criou a Direção de Inteligência Nacional (DINA), órgão que empregava o seqüestro, a tortura e o assassinato. Depois Pinochet assumiu como Chefe Supremo da Nação e, em setembro, fechou o Congresso Nacional.

Milhares de pessoas começaram a sofrer a repressão exercida pelo novo governo. Líderes da Unidade Popular e outros líderes de esquerda receberam mandato de prisão em centros de reclusão. Três mil pessoas teriam sido assassinadas por membros da Direção de Inteligência Nacional e outros organismos das Forças Armadas. Além disso, 35 mil pessoas sofreram tortura e mais de 300 mil pessoas ficaram detidas e exiladas.

As sucessivas violações aos direitos humanos cometidas pela ditadura de Pinochet provocaram o repúdio de diversos estados e da Organização das Nações Unidas (ONU). Os enriquecimentos ilícitos de Pinochet e seus familiares também se tornaram alvo de denúncias.

A liberdade de imprensa ficou proibida e diversos jornais de esquerda ou até independentes foram expropriados e tiveram seus locais e maquinários saqueados e incendiados.

O Chile se integrou na Operação Condor, um plano de inteligência sul-americano destinado à prática do terrorismo, visando inclusive o assassinato de ex-presidentes. O chefe da DINA, Manuel Contreras, era um dos ideólogos do plano.

Em 1980, Augusto Pinochet promulgou uma constituição para legalizar seu governo ditatorial, mas isso aumentou a pressão de grupos sociais contra o governo. Os primeiros sintomas de uma nova crise econômica começaram a ser sentidos. O país que havia crescido a uma média anual de 7,5% entre 1976 e 1980, alcançou um déficit de 20% em 1981.

Empresas estrangeiras deixaram de investir, enquanto o governo afirmava o problema como parte da recessão mundial. Várias empresas chilenas haviam aproveitado o período para pedir diversos empréstimos, baseada na promessa de um câmbio fixo de um dólar para 39 pesos chilenos.

A situação ficou insustentável e, em junho de 1982, o peso foi desvalorizado e política de câmbio fixo se encerrou. Os empréstimos alcançaram taxas exorbitantes, o desemprego subiu 25%, a inflação chegou a níveis muito altos e o PIB caiu 15%. O país mergulhou em uma crise econômica responsável pelos seus efeitos sentidos até os dias de hoje.

Em 1987, a movimentação popular realizou um plebiscito, que resultou na proibição da permanência de Pinochet no governo do país. Após dois anos, Patricio Aylwin foi eleito para o cargo de presidente. O fim da ditadura e o início das punições aos militares envolvidos no golpe soava como música para os cidadãos chilenos.

Aylwin recebeu o mandato das mãos de Augusto Pinochet, no novo Congresso Nacional do Chile, localizado em Valparaíso. No início de seu governo concertacionista, predominavam muitos vestígios do regime militar, pois a administração local das comunas ainda estava sob mandato de pessoas designadas pela ditadura.

Pinochet continuava como chefe comandante do exército e manifestou rechaço a certas medidas do novo governo por meio de vários movimentos táticos. Nessa época, foi criada a Comissão Nacional de Verdade e

Reconciliação, destinada a investigar as situações de violação dos direitos humanos ocorridas durante a ditadura.

O governo realizou modificações nas normas tributárias para aumentar o gasto de imposto e melhorar a distribuição de renda. A economia chilena prosperava devido aos aumentos das exportações de cobre e dos produtos agrícolas e a pobreza teve mais de 10% de redução. Também foi promulgada a Lei Indígena, que reconheceu pela primeira vez os povos indígenas. Aylwin ainda criou outras medidas político-sociais e ambientais.

Em 1993, novas eleições presidenciais mobilizaram o país. Eduardo Frei Ruiz-Tagle, obteve mais de 58% dos votos, a maior votação em eleições livres da história republicana chilena. Nessas eleições, a Câmara dos Deputados e o Senado se renovaram com novos parlamentares.

Frei assumiu em março de 1994 e logo reiniciou as relações do país com o exterior. A economia se expandiu mais e o crescimento médio alcançou 8% durante os três primeiros anos de governo. O Chile começou negociações com outros países e passou a integrar a Nafta enquanto negociava sua possível adesão ao Mercosul.

Em 1997, o país virou membro da APEC, abrindo sua economia para a Ásia, principalmente Japão e China. A pobreza continuou a diminuir e algumas obras públicas foram construídas no país. Na metade de seu mandato, porém, teve início a crise asiática e grande parte da economia chilena ficou afetada.

Na mesma época, problemas ambientais colaboraram com a crise, como a alta contaminação atmosférica em Santiago, o terremoto de 1995 no sul do Chile, as fortes secas de 1996 com o impedimento da geração de hidroeletricidade e as enchentes de 1997 na zona centro-sul. As decisões erradas do Banco Central aumentaram a crise e a recessão se estabeleceu nos últimos anos do governo Frei.

Em 16 de janeiro de 2000, o líder da esquerda concertacionista, Ricardo Lagos, venceu o segundo turno das eleições. Lagos tentou recuperar o país por meio da Reforma Processal Penal e da redução dos níveis de desemprego, mas o Congresso não aprovou suas tentativas ou elas não tiveram resultados favoráveis, como a reforma da saúde.

Um caso de corrupção de um subsecretário do governo e alguns parlamentares da Concertação fizeram com que uma série de acusações de

corrupção caísse sobre Lagos. O governo se enfraqueceu e entrou em uma grande crise em 2002.

Em 2003, a economia chilena começou a melhorar e alcançou crescimento próximo a 4%. O país também ingressou como membro do Conselho de Segurança nas Nações Unidas e conseguiu fechar os acordos iniciados no governo anterior, como o tratado de livre comércio com a União Européia.

O governo de Lagos caracterizou-se por um amplo desenvolvimento de obras viárias, com a criação das primeiras estradas urbanas do país, novas linhas do metrô em Santiago, Valparaíso e Concepción, além de um novo sistema de transporte em Santiago chamado Transantiago.

Michelle Bachelet, originalmente responsável pelo Ministério da Saúde, passou ao Ministério da Defesa Civil em 2002 e se tornou a primeira mulher da América Latina a ocupar esse cargo. Durante sua administração, as relações cívico-militares finalmente começaram a ser recompostas, após anos de deterioramento. Em 15 de janeiro de 2006, Bachelet ganhou de Piñera o segundo turno das eleições presidenciais e passou a ser a primeira mulher presidenta do país.

O governo de Bachelet teve início com a distribuição de cargos públicos, com igualdade entre homens e mulheres. Sua primeira medida presidencial importante foi a gratuidade do sistema público de saúde a maiores de 60 anos, além da criação de uma comissão especial para a reforma do sistema previdenciário.

Durante os primeiros meses, o governo se concentrou em cumprir as 36 medidas dos primeiros 100 dias, de acordo com a promessa de Bachelet feita em campanha. Sua popularidade superava os 60% no início do mandato, mas algumas atitudes, como a aprovação do projeto de lei para regularizar a subcontratação de trabalho e a descoberta de erros na identificação dos desaparecidos políticos dez anos antes, causaram polêmica durante seu governo.

Em maio de 2006, estudantes iniciaram um dos maiores protestos realizados no Chile sobre diminuição das mensalidades pagas na universidades e maior participação no estudo da nova legislação chilena. A popularidade de Bachelet caiu cerca de 8% em relação ao mês anterior.

A economia ficou em bom estado durante seu governo, com grande exportação e valorização do cobre. O maior problema econômico do mandato de Bachelet foi o tema energético e o aumento constante dos preços de petróleo, causando protestos da oposição e de parte da opinião pública. Mas, ainda assim, ela saiu do cargo com 84% de aprovação popular.

Em janeiro de 2010 Sebastián Piñera, membro de partido de centro-direita, derrotou o ex-presidente Eduardo Frei no segundo turno e venceu as eleições presidenciais chilenas.

Piñera tomou posse em 11 de março, apenas alguns dias após o terremoto. Seu governo é marcado por organizações sociais e populares contra seu mandato. Após um ano, o Comando pelos Direitos Sociais e Populares realizou protestos em todo o país para fortalecer a luta social dos trabalhadores e priorizar os pontos que precisam receber mais atenção e investimento do governo.

As jornadas de protesto são resultado de balanços negativos feitos pela oposição sobre a direita, com denúncia nas áreas de educação, dívidas com os povos originários, corrupção nas instituições policiais e risco de intervenção das transnacionais em zonas do país.

De acordo com pesquisa realizada no Chile pela consultora Imaginación, a rádio Cooperativa e Universidade Técnica Federico Santa Maria, mais da metade dos chilenos estão descontentes com o mandato de Piñera.

#### **4.4.2 TERREMOTOS**

A costa chilena possui um longo histórico de violentos terremotos. Desde 1973, ocorreram 13 eventos de magnitude 7,0 ou superior. O Chile está localizado em uma área de junção de placas tectônicas. Os terremotos são provocados por pressões da Placa Sul Americana sobre a Placa de Nazca. É uma zona de subducção, onde a Placa de Nazca tem se deslocado para a Placa Sul-Americana a uma taxa média de 80 milímetros por ano.

Esse movimento de placas foi responsável pela criação da magnífica Cordilheira dos Andes, há cerca de 200 milhões de anos. A Placa Pacífica, localizada no oceano Pacífico, começou a se mover de encontro à placa Sul Americana. Como a oceânica é formada por rochas mais pesadas, na hora da colisão ela entrou embaixo da continental.

Primeiro ocorreu um enrugamento da costa oeste da América do Sul, formando a cordilheira. Mas o processo não parou e, quando a placa oceânica entrou sob a continental, a parte da atmosfera esquentou e se fundiu. Com isso, começou a subir para a superfície dos Andes, formando grandes vulcões.

O processo continua até hoje, e as montanhas aumentam de dois a três milímetros por ano. O crescimento só não é maior por causa da erosão causada pelo vento nos picos da cordilheira.

Este choque entre placas tectônicas sempre ocorre em várias partes do mundo, e é responsável pelo surgimento de cordilheiras, fendas e terremotos. Quando a colisão atinge uma densa placa oceânica e uma placa continental de menor densidade, a oceânica mergulha sob a continental, formando a zona de subducção.

Em alguns lugares ao longo da América do Sul, as duas placas podem deslizar facilmente uma sobre a outra, mas em outros locais podem permanecer bloqueadas por algum tempo. Se a pressão do bloqueio é muito grande, as rochas não resistem e rompem, fazendo com que as placas deslizem com muita violência e causem os terremotos. Quando ocorrem grandes terremotos submarinos, o fundo do mar pode se erguer ou afundar e gerar os tsunamis.

O último desastre aconteceu a cerca de 230 quilômetros ao norte do tremor mais forte já medido na história (desde o início da sismologia instrumental no início do século XX): o de Valdivia, ocorrido em maio de 1960, com magnitude 9,5.

A catástrofe tripla entre 21 e 22 de maio de 1960, com dois terremotos e um maremoto, assolou treze das 25 províncias do país. A população ficou profundamente assustada e o acontecimento deteriorou gravemente a economia. Em poucas horas, se perderam milhares de vidas e toda a infraestrutura chilena ficou arrasada. Parte do território foi sucumbido pelo mar, enquanto novas ilhas apareceram e outras se apagaram com o tsunami.

Às 6h02 do dia 21 de maio de 1960, um forte tremor sacudiu a parte sul do Chile. Foram registrados 12 epicentros na costa da península de Arauco, atual região de Bío-Bío. O movimento teve magnitude de 7,5 na escala Richter, afetando principalmente as cidades de Concepción, Talcahuano, Lebu, Chillán, Los Ángeles e Angol.

O primeiro movimento de terra derrubou uma ponte de dois quilômetros, que comunicava a cidade de Concepción com a província de Arauco, sobre o rio Bío-Bío. Às 6h33, um segundo movimento, similar ao anterior, sacudiu novamente a zona e terminou de destruir as construções deterioradas pelo primeiro terremoto. Poucas pessoas morreram, porque grande parte da população evacuou as casas com medo dos desabamentos.

As comunicações telefônicas desde Santiago até o sul se interromperam, e as primeiras notícias da situação foram dadas por um jornalista que captou sinais de rádio desde a zona da tragédia. O presidente da época, Jorge Alessandri, suspendeu até as cerimônias em honra ao Dia das Glórias Navais.

Imediatamente, o governo pediu ajuda para as zonas do país não afetadas e para a comunidade internacional. Os cortes nos fios elétricos produziram vários incêndios e os canos de água potável se romperam. O país se encontrava em um extremo caos.

Enquanto o governo organizava a ajuda para os habitantes de Concepción e as cidades ao redor, ocorreu uma tragédia pior. Às 15h11 do domingo, um terremoto de 9,5 graus na escala Richter e com duração de dez minutos atingiu grande parte do território chileno. Começava o maior terremoto registrado na história do mundo.

Estudos mostram que o movimento, na verdade, se configurou em uma sucessão de mais de 37 terremotos cujos epicentros se estenderam por 1.350 quilômetros. A catástrofe devastou o Chile em toda a área entre Talca e Chiloé, causando estrago em mais de 400.000 km<sup>2</sup>.

A zona mais afetada foi Valdivia e seus arredores. Grande parte de suas construções se derrubaram imediatamente, enquanto o rio Calle-Calle inundou as ruas do centro da cidade. No porto de Corral, perto de Valdivia, o nível do mar subiu cerca de quatro metros, quando começou a recuar e arrastou os barcos localizados na baía.



Às 16h30, uma onda de oito metros de altura e com velocidade de 150 km/h devastou a costa entre Concepción e Chiloé. Centenas de pessoas morreram ao serem pegas por um terremoto que destruiu povoados inteiros. Dez minutos depois, o mar retrocedeu e voltou a impactar a costa com ondas de mais de 10 metros de altura.

A onda começou a recorrer o oceano Pacífico, e mais de quinze horas depois um maremoto de 10 metros atingiu a ilha de Hilo, no Havaí, matando 61 pessoas. Eventos similares foram registrados no Japão, nas Filipinas, na zona oeste dos Estados Unidos, na Nova Zelândia e nas Ilhas Marquesas.

Enquanto a notícia do terremoto mais forte registrado na história corria o mundo e repórteres internacionais, políticos e militares se dirigiam às cidades afetadas, uma catástrofe ainda maior era analisada por organismos governamentais. Por causa do terremoto, diversos morros caíram e bloquearam o deságue do lago Riñihue. Ele é o último dos Sete Lagos, uma série de lagos interconectados que deságua pelo rio São Pedro e recorre diversas localidades até chegar em Valdivia e desembocar no Pacífico.

Com o bloqueio do rio São Pedro, o nível das águas começou a crescer rapidamente. Cada metro a mais no nível do lago correspondia a 20 milhões de m<sup>3</sup> de água, de maneira que a água desceria pelo rio a uma intensidade de 3 mil m<sup>3</sup> por segundo. Em cinco horas, todos os povoados ribeirinhos seriam destruídos, e isso aumentaria a quantidade de mortos a cifras incalculáveis.

Para evitar a destruição definitiva de Valdivia, diversos batalhões do Exército do Chile e centenas de construtores do Ministério de Obras Públicas e de empresas privadas participaram da tarefa de controlar a vazão. Após horas de trabalhos, eles conseguiram fazer com que o lago começasse a esvaziar-se lentamente, terminando com o potencial perigo a todos os habitantes da zona afetada. Os trabalhos totais, no entanto, acabaram somente dois meses depois do início das obras.

Esta série de eventos ocorridos em 1960 foi chamada de *Epopéya Del Riñihue*, devido à gravidade da situação e a forma como se desenvolveram as obras para impedir a catástrofe, com participação dos integrantes de organismos do Estado, empresas privadas e públicas, o exército e milhares de voluntários, que contribuíram direta e indiretamente.

O Chile demorou anos para se recompor do maior sismo registrado no mundo e a crise econômica perdurou por muitos anos. Quando o país descansava a natureza deu mais um golpe catastrófico para os habitantes desse local da América do Sul.

No dia 3 de março de 1985, às 19h47, o sol se punha quando a terra tremeu intensamente, por dois minutos. As paredes ondulavam, um ruído espantoso saía do solo, as árvores sacudiam com força e ninguém conseguia parar em pé.

Começava no Chile um terremoto de magnitude 7,8 na escala Richter, com epicentro na região de Valparaíso. O saldo foi trágico, com 177 mortos, 2.575 feridos, graves danos em estradas e portos, além de deslizamentos de terra em morros e montanhas. Mais de 140 mil casas ficaram inabitáveis, deixando quase um milhão de pessoas desabrigadas.

Por causa da proximidade com o epicentro, a zona que mais sentiu o terremoto foi o litoral da 5ª Região, com grande destruição entre Maitencillo e San Antonio. O exemplo mais dramático se tornou o edifício El Faro de Reñaca, que ficou totalmente destruído e equilibrado de forma precária sobre seus suportes.

Povoados e cidades como Alhué e Melipilla se viram muito afetadas, principalmente porque grande parte das residências foram feitas com o tradicional adobe, que não resiste aos tremores com a mesma facilidade dos elementos de construção mais modernos.

Logo após o terremoto, uma infinidade de réplicas assombrou os chilenos. Ao meio dia do dia 4 de março, uma réplica forte fez parecer que chegava outro terremoto. Muita gente decidiu passar aquela noite acampada na frente de suas casas, com medo do tremor derrubar tudo em suas cabeças.

Todos dependiam das notícias oferecidas pelos rádios à pilha, pois os outros meios de comunicação se viam completamente cortados. Os programas no rádio só falavam de zonas devastadas, do número crescente de mortos e feridos e chamados para doações de sangue, agasalhos e comida para os afetados.

Os danos nas infraestruturas do país também foram absurdamente devastadores. O serviço de água, eletricidade e telefone se cortou em grandes zonas e a capital do país, Santiago, se configurou como uma das cidades mais

afetadas. O governo não sabia como proceder e alguns países vizinhos ofereceram ajuda.

Pouco a pouco, a vida voltou à normalidade. O porto de San Antonio se reconstruiu com novas instalações e se converteu no principal porto do país, na entrada e saída de mercadorias. As casas e os negócios também se arrumaram e as pessoas voltaram a ocupá-las. Muitos reclamaram da falta de apoio do governo militar, que não se encarregou de forma adequada das pessoas afetadas.

Os anos modificaram muito a fisionomia das zonas afetadas pelos sismos de 1960 e 1985. Por isso o terremoto ocorrido em 2010 não causou tanto estrago como no Haiti. Hoje em dia, os edifícios são feitos com avançada estrutura anti-terremoto e todas as construções tem rigorosos padrões arquitetônicos.

Na catástrofe de 27 de fevereiro de 2010, uma faixa de 700 quilômetros de comprimento se cortou em apenas dois minutos. Às 3h34, o terremoto de 8,8 graus na escala Richter atingiu a região central do país, nas proximidades de Concepción. O tremor teve duração de um minuto.

Mais uma vez não foi possível prever a ocorrência do terremoto, pois os cientistas ainda não descobriram como as rupturas se propagam através das falhas geológicas para formar os gigantes terremotos. A descoberta desse fator poderia ser fundamental para a previsão da ocorrência de tremores de terra.

## **4.5 FOTOGRAFIA**

A fotografia sempre tem uma finalidade, seja retratar, denunciar, flagrar, informar ou levar a uma reflexão. No presente trabalho não é diferente, elas não foram escolhidas pelo acaso e uma a uma tem sua função pré-definida. As imagens têm como propósito atrair o olhar do leitor e instigá-lo a refletir, não apenas exercendo a função de embelezamento de páginas.

A imagem fotográfica é muito mais que um simples retrato da realidade. Presente no nosso dia a dia em livros, revistas, jornais, outdoors e cartazes publicitários, sua função vai muito além da simples cristalização do

instante visual. Através de uma leitura mais aprofundada, a imagem transmite uma série de idéias e valores, muitas vezes imperceptíveis à primeira impressão. Analisando uma fotografia, podemos saber o que o texto diz antes mesmo de lê-lo. Segundo Aumont, as imagens são e sempre foram produzidas para algum fim, seja ele comercial, religioso, ou ideológico.

A produção de imagens jamais é gratuita, e desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos. Uma das primeiras respostas à nossa questão passa pois por outra questão: para que servem as imagens (para que queremos que elas sirvam)? É claro que, em todas as sociedades, a maioria das imagens foi produzida para certo fim (de propaganda, de informação, religiosos, ideológicos em geral). (AUMONT, 1993, p.78)

Aumont ressalta que, apesar de fiel à imagem formada pelo olhar humano, a fotografia é um olhar mais amplo, já que ela congela um instante. Uma ação que duraria segundos ao olhar, pode ser vista por um tempo maior se registrada, criando a possibilidade do espectador enxergar elementos que passariam despercebidos.

A fotografia reproduz as aparências visíveis ao registrar o traço de uma impressão luminosa: este é o princípio de sua invenção. Ora, muito depressa percebeu-se que esse registro, se no plano puramente óptico aproximava a imagem fotográfica da imagem formada no olho, tornava-as distintas pelo fato de fixar um estado fugidio dessa imagem, um estado que escapa à visão normal e, dessa forma, dava acesso a um modo inédito de ver a realidade. É o tema bem conhecido da revelação fotográfica: a fotografia mostra o mundo de uma maneira invisível ao olho nu, permite ver “coisas normalmente não vistas. (AUMONT, 1993, p.307)

O livro-reportagem traz a fotografia de representação, cujo objetivo é fazer um retrato fiel da realidade.

## **5 METODOLOGIA**

### **5.1 MÉTODO DE PESQUISA E ANÁLISE**

A análise mescla cultura, identidade, política e observação. É um método que mistura o geral e o particular em vários momentos da história. Trata-se de realizar pesquisa dedutiva.

O primeiro passo foi levantar as referências bibliográficas necessárias e fichá-las. Estudei a estrutura do livro-reportagem, como fazer uma boa entrevista, identidade, cultura chilena.

O método clínico esteve presente em cada entrevista, onde houve intensa interação com os entrevistados. O objetivo era criar um diálogo aberto e não um interrogatório, para assim conseguir atingir níveis mais aprofundados da intimidade dos chilenos.

Depois de um diálogo também obtive contatos para conversa posterior. A pesquisa foi qualitativa, ou seja, exploratória. O objetivo é explorar o pensamento livre do entrevistado acerca do tema para se atingir respostas espontâneas.

Na introdução, em particular, realizei uma pesquisa documental e de memória e história oral com os documentos do Chile para contar o terremoto por meio de uma perspectiva não convencional. O diálogo e história oral estiveram presentes também em todas as outras entrevistas com os chilenos. Após a seleção dos entrevistados e classificação dos personagens interpretei os dados e iniciei o livro-reportagem.

### **5.2 ENTREVISTAS E RELATOS**

Para juntar as histórias das pessoas que viveram o terremoto, entrei em contato com chilenos que sofreram perdas por causa da catástrofe. O objetivo era encontrar gente que pudesse dar relatos e humanizar o livro-reportagem.

Primeiramente, conversei com amigos e professores da universidade, para saber se tinham conhecidos com histórias interessantes. Como eu estava em Santiago, a maioria das pessoas com quem eu convivia não sofreu grandes perdas, pois a cidade tem uma estrutura anti-sísmica eficiente.

Enquanto encontrava personagens para o livro, comecei a buscar as fontes oficiais, como funcionários do governo e das organizações de trabalho voluntário. Essas fontes não foram usadas como personagens do livro, mas serviram para embasar a história e concretizar os relatos dos cidadãos chilenos.

A *Un Techo para Chile* foi muito receptiva e pude entrevistar várias pessoas para construir melhor o cenário do país pós-terremoto. Além disso, consegui conversar com engenheiros e advogados do governo federal, que me ajudaram a entender os motivos que levaram o governo a tomar determinadas decisões perante a catástrofe.

O trabalho voluntário que realizei em Maule se tornou uma excelente maneira de estar perto e conviver com os afetados pelo tremor. Construir as casas e ficar em meio às ruínas foi fundamental para uma visão completa sobre a catástrofe. Neste caso, as entrevistas ocorreram informalmente, conversando com as pessoas durante o voluntariado.

Não houve uma metodologia fixa na realização das entrevistas e na elaboração dos relatos. Elaborei as perguntas de forma aleatória, de acordo com a pessoa, o lugar e a oportunidade.

### **5.3 PRODUÇÃO DO LIVRO**

Para escrever o livro, primeiramente li todas as entrevistas e relatos. Transformei em texto corrido a conversa com as fontes que seriam usadas como personagens do livro, para ficar mais fácil na hora de elaborar os capítulos.

Fiz um cronograma com os possíveis capítulos para o livro, para orientar a escrita. Elaborei os principais pontos e fiz uma estimativa do número de

páginas que eu queria que tivesse cada parte da história. Depois iniciei a escrita.

Desde o começo, o livro foi pensado para ser escrito de forma literária, para ficar mais atrativo. Então não houve esquema para escrever os capítulos, inclusive alguns foram realizados fora de ordem, de acordo com a inspiração do momento.

Conversei com o orientador e adotei um foco e uma linguagem pré-determinada para que o livro tivesse coerência entre os capítulos. Apesar disso, eles possuem certa dependência, pois a história é feita em tempo não-cronológico.

#### **5.4 ESCOLHA DE FOTOS E DIAGRAMAÇÃO**

Durante a estadia no Chile, tirei muitas fotos para poder retratar da melhor maneira o cenário do país. Além disso, também tirei fotos do país pós-terremoto, com o objetivo de usar as imagens para ilustrar a história.

Várias fotos ficaram de lado na elaboração do livro, pois eram desnecessárias. Somente as imagens que tinham relação direta com o texto foram colocadas. Usei as fotos como forma de dar mais veracidade e beleza à história contada.

Em relação à diagramação, um amigo se responsabilizou em fazê-la. Antes de começar, entramos em acordo sobre a melhor letra e o melhor aspecto para apresentar o livro ao leitor. As conclusões básicas eram que deveria ser um livro limpo, com margens definidas e letra facilmente legível.

A escolha de colocar as fotos no meio do texto se realizou para deixar a leitura mais fluente. Muitas vezes o leitor deixa de olhar os anexos pela dificuldade de ter que ir, frequentemente, às últimas páginas do livro. Concluí que a história ficaria mais envolvente se as imagens estivessem mescladas com o texto.

## 5.5 DIFICULDADES

Durante o processo de produção do livro-reportagem, surgiram várias dificuldades, que tornaram a elaboração mais lenta e, algumas vezes, mais trabalhosa.

Os primeiros problemas ocorreram ainda no Chile, na hora de encontrar pessoas. No início, achei que seria impossível entrar em contato com as fontes oficiais, pois obtive pouco retorno, talvez por ser apenas uma estudante brasileira.

De volta ao Brasil, senti um pouco de bloqueio na hora de escrever, pois me envolvi muito com a história dos personagens e muitas vezes me sentia pesada demais para continuar a contar sobre as perdas e as catástrofes. Além disso, o cansaço causado pelo trabalho e pelas aulas deixou a elaboração mais trabalhosa.

A principal dificuldade, no entanto, aconteceu nos últimos dias de produção. Quanto terminei de escrever o livro, entreguei a diagramação e a capa para duas pessoas fazerem. A capa não saiu como eu esperava e tive que correr atrás de uma nova arte na noite anterior à entrega na gráfica. No fim, fiquei satisfeita com o resultado.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolher um tema para o Projeto de Conclusão de Curso é algo que sabemos que vamos ter que fazer desde o primeiro ano. Ao longo da faculdade nos apaixonamos por alguns desdobramentos do jornalismo, nos decepcionamos com outros e planejamos o produto que vamos apresentar.

A escolha de um livro-reportagem abrange o jornalismo em diversos aspectos como levantamento de pauta, apuração dos fatos, entrevistas, e retratar uma realidade ao leitor. O diferencial é o toque de literatura, a profundidade que podemos atingir e a liberdade para pautar de forma diferenciada um assunto ressaltado pela mídia.

A opção pelo tema começou com a vontade de retratar o Chile, um país pelo qual eu me apaixonei de maneira intensa. Primeiramente, pensei em escrever algo sobre os indígenas locais, os *mapuches*, mas com a ocorrência do terremoto tive certeza sobre qual deveria ser a história do meu trabalho de conclusão de curso.

O livro *Fragmentos – A Luta de Uma Nação em Ruínas* é um pequeno retrato fragmentado da sociedade chilena pós-terremoto. Visa levar para o leitor a história das pessoas, a cara dos lugares e a visão da catástrofe, de maneira não retratada pela mídia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.

BULHÕES, M. M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CAVALLO, Ascanio; SALAZAR, Manuel; SEPÚLVEDA, Oscar. **La historia oculta del régimen militar**. Santiago de Chile: Uqbar editores, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2003. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>>.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Unicamp, 1995.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **La aventura de Miguel Littín clandestino en Chile**. Buenos Aires: Debolsillo, 2008.

MEDINA, C. A. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995

MORAES, Sergio Augusto de. **Viver e morrer no Chile**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/2230907/IGNACIO-RAMONET-tirania-da-comunicacao>>.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Universidade Fernando Pessoa, 1999.